

MR28: Habitar em meio a precariedades

Coordenação: Adriana Fernandes (UERJ)

Debatedor/a: Adriana Vianna (UFRJ)

Participantes: Anelise Gutterres (UFRJ), Alexandre Magalhães (UFRGS), Adriana Fernandes (UERJ)

Resumo:

A proposta da mesa é refletir sobre as diferentes formas de habitar a vida e a cidade por parte das populações periféricas em meio as múltiplas precariedades que atravessam o seu cotidiano. Partimos do pressuposto de que as precariedades não existem como resultado de “faltas” ou “ausências”, mas são politicamente produzidas e, sobretudo, integram a criação e o governo da vida. Destacaremos os agenciamentos manejados por moradores dessas áreas da cidade para lidar com um cotidiano permeado por destruição, incertezas, violências, opacidades e terror. Notamos que o estado de vigília é um modo que atravessa o viver nesses territórios, assim como, as formas de adoecimento, de racismo estrutural e institucional, os regimes de cuidado exaustivos (na maior parte das situações, a cargo das mulheres), as violências transgeracionais, as perdas abruptas, as incertezas e urgências. Na tarefa de garantir a existência de si, de familiares e a continuidade do cotidiano, cálculos, “corres” e performances, por vezes complexos e idiossincráticos, são tecidos e modulados. A este cultivo da vida, somam-se os dilemas destes anos de pandemia, ou seja, em um mundo de descontinuidades e exclusões, as agências e táticas de contornamento e/ou de produção de outras linhas de vida ganharam dimensões morais, éticas e políticas ainda mais significativas.

(Sobre)viver é habitar no/em movimento: as experiências urbanas das populações pobres e negras

Autoria: Alexandre Magalhães

Em função de dificuldades de ordem material e simbólica, historicamente restou às populações pobres e negras realizarem um constante movimento, um deslocamento incessante para continuarem vivendo. Mesmo as políticas habitacionais e urbanas que lhes são direcionadas têm como pressuposto por em movimento estas populações. Isto é, tais políticas, geralmente, não representam a segurança existencial e material mínima de que uma vida possa se enraizar e consolidar durante um longo período num determinado lugar. Tendo em vista experiências anteriores e atuais de pesquisa, este trabalho propõe refletir sobre três ordens de questões: em primeiro lugar, uma distribuição desigual das circulações: quem circula, onde circula e como? Em segundo, como o fazer mover se apresenta como um dos mecanismos e aparatos de controle que constroem clivagens e desigualdades a partir desse pôr em movimento. Assim, tais mecanismos (estatais ou não) atuam na regulação dos movimentos de certos corpos, induzindo, inclusive, os ritmos de circulação e as fixações possíveis. Em terceiro, que uma das formas de contornar os efeitos perversos dessa política é justamente colocar-se em movimento. Mover-se para sobreviver. Nesse sentido, pensar o viver nas cidades como habitar no/em movimento é fundamental aqui porque circular é fazer espaço e, sobretudo, vida. Nossa cartografia de vida é feita de nossas movimentações e impossibilidades de movimentações e também de (im)possibilidades de fixação.

A casa na favela e a vida que corre contra o tempo

Autoria: Anelise Gutterres

Reúno para esta apresentação alguns episódios narrados por uma das minhas interlocutoras de pesquisa, a

qual chamarei de Nora. São testemunhos reunidos a partir de uma imersão compartilhada nas imagens dos seus álbuns de fotografia e que nos provocam a refletir sobre as múltiplas temporalidades e intensidades do seu cotidiano em uma vila no Morro Santa Teresa, localizado na cidade de Porto Alegre. Os relatos nos apresentam as diferentes formas de produzir a vida diante da "condição precária compulsória" (Gutterres, 2020) ao qual grande parte das mulheres negras e pobres estão submetidas no Brasil. No amplo debate sobre memória, temporalidade e narrativa □ temas contemplados nas reflexões aqui propostas □ meu objetivo no escopo desta apresentação é o de demarcar a importância dessas condições para pensarmos sobre algumas permanências na vida de Nora e o seu trabalho cotidiano de tecer a vida diante destas continuidades. Ao basear a narrativa do seu cotidiano no percurso pelo álbum de fotografia, Nora nos apresenta diversos passados possíveis a partir do presente vivido naqueles dias de inverno do ano de 2012 nos quais estivemos olhando juntas as suas fotografias. É também no percurso pelo álbum que ela reforça a centralidade da casa em sua vida, um núcleo organizador de fios de lembranças, linhas que permitem a ela percorrer, refletir, avaliar suas escolhas, feitos e êxitos. Endossando a perspectiva trazida por Marcelin (1999:55) também compreendo aqui a casa como um centro de produção e contagem do tempo, já que ela também "se refere ao universo familiar em perpétua transformação". Tanto as diferentes casas de aluguel na qual Nora e sua família se instalam quando vem para Porto Alegre quanto a casa na Vila Gaúcha como a que morou Nora quando migra para o Morro Santa Teresa são algumas das possibilidades de moradia que se oferecem nas andanças e circulações dos pobres nas cidades. Sempre apontadas pelo poder dominante como abjetas, incompletas e precárias, os adjetivos para as casas se transpõem para a população que nela vive e a fixação adjetivada assim como a condição de "trânsito incessante" marca a vida dessas famílias. Refletiremos junto do relato de Nora sobre a casa como sinônimo de fixação e na gama das moralidades e domesticações associadas à casa, como parte do jogo entre territorialização e circulação negativa das mulheres negras e pobres. Onde a produção de circulação forçada, a produção de instabilidade e perturbações fazem parte das permanências oferecidas pelo estado em vilas, favelas e periferias.

Agências e agentes em uma periferia do Sul: neoliberalismo, pentecostalismo e ética

Autoria: Adriana Fernandes

A configuração de um neoliberalismo no hemisfério Sul conjugado a um dispositivo governamental pentecostal que atua nas periferias tem nos instigado a compreender os modos como o Estado opera nas margens, assim como, as moralidades e éticas das camadas populares urbanas pobres que saltam desse quadro. Em muitas periferias da cidade do Rio de Janeiro são as relações entre a política e vida social, com agentes ligados ao Estado, a grupos de milícia e a igrejas evangélicas e pentecostais que produzem, não apenas a vida sob ameaça e em meio a violências cotidianas regulares e brutais, mas podem incluir relações de proximidade complexas, ambíguas e situacionais. No caso de minha interlocutora, que tenho chamado de Moema, a ética que a orienta é resultado do pertencimento ao território (espaço físico) em que nasceu e onde é reconhecida pelo diminutivo, em diálogo com as três irmãs que moram na mesma comunidade, pelas igrejas que frequentou/frequenta por décadas (Assembléia de Deus e IURD), por fim, pelas redes que construiu no movimento de mães e familiares de vítimas da violência estatal. No neopentecostalismo transcendentalista e pragmático que ela sustenta como um eixo fundamental de sua ética, há apropriações quanto aos repertórios morais que as igrejas veiculam. Moema produz uma ética e uma forma de vida, e fala isso utilizando casos e exemplos de seus percursos que pontuam as desigualdades de raça e gênero constituintes ao país: um padrão de maternidade específico (a mãe responsável pelos filhos), uma violência estatal direcionada aos povo negro (as mães tornam-se depositárias dessa memória), um neoliberalismo (a "era do PIX") onde cuidado e preservação dos seus se confunde a endividamentos e atenção vigilante às

"ovelhas que se largaram do rebanho" . Por fim, um saber circulatório sobre as redes de assistência, comunicação e engajamento que não é banal. Na tarefa de entender como se reúnem esses elementos, a princípio incongruentes, percorreremos outros fios que Moema e sua família têm narrado. Com Moema e as irmãs, além do pentecostalismo, é preciso somar à comunidade onde vive as moralidades tecidas nos bailes, junto aos namoros e casamentos, na viração como guardadora de carros, as noitadas com um cunhado e as memórias desse tempo. No passado, a luta para cuidar dos filhos da irmã que bebia, a doença da mãe (que as irmãs julgam pelo pertencimento ao "espiritismo afro"), a batalha que travou para se separar do marido que a violentava e a que empreende para proteger o filho que esteve nas ruas. Esses percursos resultam em um território ético-existencial de muitos realces e imaginação questionadora que não apenas se combina ao dispositivo pentecostal, como surge atrelado a ele de maneira íntima.

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

